

A ATUAÇÃO EM PSICOLOGIA ESCOLAR EM UMA CIDADE DA ZONA DA MATA MINEIRA

LILIAN RODRIGUES DE SOUSA¹

SILVIA MARIA CINTRA DA SILVA²

Palavras Chave: Psicologia Escolar, Atuação Profissional, Pesquisa Qualitativa, Formação de Psicólogos

***Resumo:** Em seus primórdios, a Psicologia Escolar esteve ancorada em um modelo clínico de atendimento ao escolar, fortemente marcado por uma prática psicodiagnóstica (com grande influência da psicometria), psicoterapêutica e reeducativa. As concepções de Psicologia Escolar, então vigentes, consideravam que a escola era um espaço de aprendizagem e a criança deveria a ela se adaptar. Assim, qualquer dificuldade relacionada à aprendizagem ou à (in)disciplina ao âmbito educacional deveria ter suas causas no desenvolvimento infantil, nas relações familiares e na origem de classe social. Em busca de conhecer como psicólogos têm incorporado os avanços teórico-práticos da área, vem sendo desenvolvida uma pesquisa qualitativa sobre a atuação do psicólogo na rede pública de Educação em sete estados brasileiros. O objetivo deste projeto foi identificar e analisar concepções e práticas desenvolvidas pelos psicólogos da rede pública frente às queixas escolares, compreendendo em que medida apresentam elementos inovadores e pertinentes às discussões recentes na área de Psicologia Escolar e Educacional. O estudo se dividiu em três etapas: a) contato telefônico com Secretarias de Educação mapeando serviços de psicologia existentes; b) aplicação de questionário para conhecer práticas e concepções de psicólogos; c) entrevista com psicólogos. Este artigo é um recorte da pesquisa, baseado na análise de uma das entrevistas de uma psicóloga da zona da mata mineira. Buscamos, a partir das informações fornecidas por esta profissional, entender a organização e a estrutura do serviço, as modalidades de atuação e a fundamentação teórica que sustenta o seu trabalho. Verificamos que ainda há uma solicitação de que ela execute um trabalho clínico-individualizante, voltado para a criança. Em seu discurso, apresenta elementos de criticidade que se contrapõem a esta demanda, mas nem sempre consegue desvencilhar-se desta concepção em seu fazer na secretaria. Acreditamos ser extremamente relevante o papel da universidade na formação inicial e continuada dos psicólogos escolares, com a elaboração de estudos e pesquisas de excelência que sejam apreendidas, apropriadas e divulgadas tanto para os psicólogos como para todos aqueles envolvidos direta e indiretamente com a educação.*

¹ Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, Av. Pará, 1720 - Campus Umuarama - Bloco 2C - lilian_rs@hotmail.com

² Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, Av. Pará, 1720 - Campus Umuarama - Bloco 2C - silvia_ufu@hotmail.com

Keywords: School Psychology, Professional Practice, Qualitative Research, Formation of Psychologists

Abstract: In the beginning, school psychologists was anchored in a clinical model of care to school, strongly marked by a practice Psycodiagnostic (with great influence of psychometrics), psychotherapy and re-educated. Conceptions of School Psychology, then current thought the school was a place of learning and child should adapt to it. So, any difficulty related to learning or the (in) discipline in the educational field should have its causes in child development in family relationships and the origin of social class. In search to know how psychologists have incorporated the theoretical and practical advances in the area, has been developed a qualitative research on the role of psychologist in public education in seven states in Brazil. The objective of this project was to identify and analyze the concepts and practices developed by psychologists in public school complaints against school, including to what extent have innovative features and relevant to recent discussions in the area of School and Educational Psychology. The study was divided into three stages: a) telephone contact with education departments of psychology mapping existing services, b) applying a questionnaire to know the practices and conceptions of psychologists c) interviews with psychologists. This article is part of a research based on an analysis of interviews with a psychologist from the region of Minas Gerais. We seek, from the information provided by this professional; understand the organization and structure of the service, methods of operation and the theoretical foundation that maintains his work. Found that there is a request that she perform a clinical work-individualistic, focused on the child. In his speech, has elements of criticality that oppose this demand, but can't always break away from this design in their work in Office. We believe it is extremely important that the role of the university's initial and continued training of school psychologists, with the preparation of studies and research excellence that are seized, and disclosed as appropriate for psychologists and for those directly and indirectly involved with education.

Introdução

Em seus primórdios, a Psicologia Escolar esteve ancorada em um modelo clínico de atendimento ao escolar, fortemente marcado por uma prática psicodiagnóstica (com grande influência da psicomетria), psicoterapêutica e reeducativa. As concepções de Psicologia Escolar, então vigentes, consideravam que a escola era um espaço de aprendizagem e a criança deveria a ela se adaptar. Assim, qualquer dificuldade relacionada à aprendizagem ou à (in)disciplina ao âmbito educacional deveria ter suas causas no desenvolvimento infantil, nas relações familiares e na origem de classe social.

Somente nos últimos 26 anos é que a Psicologia Escolar pôde trilhar novos caminhos em busca de formas de aproximação com a instituição educacional, coerentes com concepções de mundo e de homem que considerem a escolarização como um direito de todos e que precisa ser concretizado com qualidade.

Podemos pensar que novos caminhos nos remetem a transformações e mudanças. Entretanto, também cabe perguntar: de que mudanças estamos falando? Em que direção estariam ocorrendo estas alterações no percurso da psicologia escolar? Haveria uma única direção para esta mudança? Questões como estas são imprescindíveis quando este assunto emerge como um tema para pensarmos esta área de formação e de atuação profissional. E para construir novos percursos na área de Psicologia Escolar é essencial resgatarmos brevemente a sua história, com destaque para os principais pressupostos nela presentes e suas articulações com a profissão de psicólogo.

As primeiras críticas no campo da Psicologia que questionavam este perfil profissional do psicólogo e as concepções adaptacionistas da Psicologia surgiram somente na década de 1980 no Brasil. Tanamachi (1997, 2002) analisa o desenvolvimento da Psicologia Escolar no Brasil e destaca a Tese de Doutorado de Maria Helena Souza Patto³, publicada no livro *Psicologia e Ideologia: uma introdução crítica à Psicologia Escolar*, em 1984, como o marco da análise crítica da área da Psicologia Escolar/Educacional, no que diz respeito ao seu objeto de estudo, métodos e finalidades. Estas críticas focalizam a predominância do referencial positivista de ciência presente nos estudos e pesquisas em Psicologia e em Psicologia Escolar, analisando pressupostos teóricos alicerçados em abordagens psicológicas que descolam o ser humano do contexto histórico-cultural em que este se constitui, assim como consideram a prática do psicólogo escolar como adaptacionista, tendo em vista que esta releva os elementos institucionais e políticos presentes na seara escolar.

3 Trata-se da Tese de Doutorado intitulada *Psicologia e ideologia: reflexões sobre a psicologia escolar*, defendida no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, sob a orientação da Profa. Dra. Ecléa Bosi, em 1981.

Este movimento de crítica, advindo do campo acadêmico, trouxe uma reflexão a respeito da insuficiência das práticas desenvolvidas em Psicologia Escolar e dos quadros conceituais sobre os quais elas historicamente têm se sustentado. E também oferece importantes subsídios para desvelar os determinantes sociais e históricos que compõem o (des)encontro entre a Psicologia e a Educação, bem como reafirma a possibilidade da elaboração de perspectivas mais apropriadas para a formação e a atuação profissional.

De acordo com Maluf (1994), os avanços na prática do psicólogo tanto apontam para a superação da concepção adaptacionista da criança à instituição escolar como para uma prática que não dependa do corpo administrativo da escola. Assim, as críticas mais incisivas na referida área voltaram-se para o modelo clínico de atuação no atendimento às queixas escolares, a psicometria, e as explicações advindas da teoria da carência cultural, com a conseqüente culpabilização da criança oriunda das camadas populares e de sua família.

Desde então, a Psicologia Escolar tem procurado modos de superar estes modelos, a partir de novas bases teóricas e metodológicas que fundamentem práticas fincadas na realidade educacional, abrangendo tanto o cotidiano da sala de aula – e a miríade de questões pessoais e pedagógicas nele presentes - como as dimensões sociais, políticas e institucionais que compõem a instituição escolar. A Psicologia Escolar aqui denominada crítica busca na raiz histórica e social dos fenômenos uma compreensão dialética sobre a relação entre o indivíduo e o meio em que este vive (Tanamachi, 1997).

Partindo dos pressupostos acima explicitados, uma atuação do psicólogo escolar alicerçada nesta perspectiva precisaria considerar: a) a produção da queixa gerada no espaço institucional; b) a construção de referenciais interpretativos que tenham como princípio a construção de uma história não documentada, composta por diferentes versões (criança, pais, professores, psicólogo) a respeito do estudante e de sua relação com a escolarização; c) a atuação psicológica com uma finalidade emancipatória (Souza & Checchia, 2003).

Implementar discussões e elementos que constituem uma atuação crítica em Psicologia Escolar, ainda mostra-se um grande desafio na formação e na atuação do psicólogo. A apropriação de uma modalidade de atuação profissional cuja ruptura epistemológica baseia-se em um olhar crítico e comprometido com uma concepção política emancipatória implica necessariamente a realização de um trabalho alicerçado na realidade educacional brasileira. Ao compreender as raízes históricas, culturais e sociais da constituição do processo de escolarização/educação, ou ao defrontar-se com a complexidade do fenômeno escolar, o futuro psicólogo poderá, de fato, construir sua *práxis* profissional no sentido “da ação dos homens sobre si mesmos” (Ribeiro, 2003). O compromisso profissional do psicólogo com

uma concepção política emancipatória também implica uma ética profissional baseada na indignação diante da humilhação e das práticas disciplinares e pedagógicas que retiram do sujeito a sua condição de ser pensante. Tal ética também possibilita o aprofundamento da crítica teórico-metodológica no campo do conhecimento da Psicologia, ao não naturalizar as ações humanas e as práticas educativas.

Este artigo visa apresentar a pesquisa de iniciação científica que faz parte da investigação interinstitucional⁴: “*A Atuação do Psicólogo na Rede Pública de Educação Frente à Demanda Escolar: Concepções, Práticas e Inovações*”, que está sendo realizada em âmbito nacional e que busca identificar e analisar concepções e práticas desenvolvidas pelos psicólogos da rede pública frente às queixas escolares, oriundas do sistema educacional, procurando compreender em que medida apresentam elementos inovadores e pertinentes às discussões recentes na área de Psicologia Escolar e Educacional em busca de um ensino de qualidade para todos.

A pesquisa teve por objetivos específicos: a) caracterizar as modalidades de atuação profissional na rede pública que atende às demandas escolares; b) contextualizar historicamente a inserção e atuação do profissional de psicologia na educação básica; c) compreender as concepções que respaldam as práticas psicológicas identificadas pela pesquisa sobre o processo de triagem, atendimento e acompanhamento da queixa escolar; d) identificar as práticas realizadas pelos profissionais de psicologia no âmbito educacional; e) identificar e analisar o caráter inovador das práticas psicológicas realizadas, considerando as discussões sobre intervenção psicológica presentes na literatura da área de Psicologia Escolar nos últimos 20 anos, f) caracterizar como a psicologia tem sido inserida nas políticas públicas da área de Educação.

Considerando-se a importância da produção mais recente de conhecimentos críticos a respeito da psicologia escolar no âmbito acadêmico, colocam-se algumas questões: como tem se dado a apropriação desses conhecimentos produzidos pela academia por aqueles profissionais que se encontram na rede pública de Ensino? Que políticas públicas tem sido geradas no campo da atuação do psicólogo frente à demanda escolar? Estas ações estão vinculadas às discussões sobre o compromisso social do psicólogo com uma prática emancipatória frente à demanda escolar? Estas foram as principais questões que nos instigaram a propor a pesquisa, que a seguir é descrita em detalhes.

⁴ No âmbito nacional, a pesquisa é coordenada pela Profa. Dra. Marilene Proença Rebello de Souza, da Universidade de São Paulo.

Metodologia

A pesquisa apresentada guia-se por uma epistemologia qualitativa. Segundo González Rey (1999, p. 35), “A epistemologia qualitativa é um esforço na busca de formas diferentes de produção do conhecimento em psicologia que permitam a criação teórica acerca da realidade plurideterminada, diferenciada, irregular, interativa e histórica, que representa a subjetividade humana”⁵.

Segundo esse autor, tal epistemologia apóia-se em três princípios que inevitavelmente acarretam conseqüências na dimensão metodológica da pesquisa. O primeiro deles entende o conhecimento como uma produção de construção e interpretação, ou seja, o conhecimento não se restringe a uma mera descrição de fatos, mas envolve um esforço do pesquisador para interpretar os elementos construídos ao longo da investigação. O segundo princípio refere-se à dimensão interativa do processo de produção do conhecimento, e o terceiro diz respeito à “significação da singularidade como nível legítimo da produção de conhecimento”⁶ (González Rey, 1999, p. 40).

A pesquisa a que se refere este artigo é um estudo de caráter nacional, que conta com a participação de pesquisadores dos estados de São Paulo, Acre, Bahia, Minas Gerais, Paraná, Rondônia e Santa Catarina, que procuraram utilizar a mesma metodologia em seus estados, possibilitando uma espécie de “estado da arte” da prática profissional em psicologia no campo da educação. Consideramos que tais estados representam diferentes realidades brasileiras, de forma a ampliar a compreensão das questões da prática profissional. Sabemos que este projeto não esgota as possibilidades, mas poderá apresentar diretrizes e elementos importantes para inúmeras discussões no campo da Psicologia Escolar e Educacional.

Em Minas Gerais, participaram desta pesquisa 99 municípios do estado, sendo que a partir de um contato inicial com as Secretarias de Educação pudemos identificar aqueles que contavam com psicólogos em seus quadros. A equipe mineira⁷ se organizou em Uberlândia, no Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia.

Uma pesquisa dessa natureza envolveu duas grandes fases de coleta de dados junto aos psicólogos que atuam na rede pública de Educação, atendendo à demanda escolar: a) mapeamento geral dos serviços oferecidos; b) análise da atuação profissional na área de

⁵ Tradução livre das autoras.

⁶ Tradução livre das autoras.

⁷ Além destas autoras, a equipe é constituída pelas pesquisadoras: Dra. Anabela Almeida Costa e Santos, Dra. Maria José Ribeiro, Dra. Paula Cristina Medeiros Rezende, Ana Cecília Oliveira Silva, Cláudia Silva de Souza, Fabiana Marques Barbosa, Jaqueline Olina, Nidiamara Guimarães e Stefânia Santos Soares.

educação.

A primeira fase, de mapeamento geral dos serviços, iniciou-se por meio de contatos telefônicos com funcionários das secretarias de educação que nos informaram a respeito da existência de psicólogos ou equipes de psicólogos que atendiam a demandas escolares no município ou região. Os psicólogos foram contatados e, aqueles que se dispuseram a participar da pesquisa, após a apresentação dos objetivos e métodos da pesquisa receberam, via correio ou e-mail, a Carta de Apresentação e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Em seguida, foi enviado um questionário (ver Apêndice A) e obtivemos respostas de 32 psicólogos, das cidades contatadas.

O questionário abrangeu dados relativos ao tempo de trabalho do profissional, seu cargo, formação, cursos e especializações, nível de atuação, público alvo do trabalho e modalidades de atuação (avaliação psicológica, atendimento clínico, formação de professores, assessoria às escolas, entre outros). Também procuramos conhecer projetos relevantes desenvolvidos ao longo da prática profissional, a filiação teórica e as modalidades de atuação que estavam sendo utilizadas pelo profissional para responder às demandas escolares.

A tabulação dos dados fornecidos pelos questionários, tratada estatisticamente por meio do software Statistical Package for Social Science (SPSS)⁸, ofereceu condições para a escolha dos profissionais a serem entrevistados na etapa seguinte da pesquisa. Os critérios desta seleção estavam diretamente relacionados aos objetivos da investigação. Deste modo, no que se refere ao objetivo específico de analisar a influência, na atuação profissional, de concepções críticas em psicologia escolar desenvolvidas em pesquisas acadêmicas, foram selecionados profissionais que, em suas respostas ao questionário, ofereceram indícios de atuação profissional neste sentido, apontando para o exercício de práticas inovadoras.

Esta segunda etapa da pesquisa está em andamento, mas já foram realizadas todas as entrevistas, bem como a maior parte das análises. As 18 entrevistas foram semi-estruturadas, ou seja, seguiram um roteiro básico, o que possibilita comparações entre os vários sujeitos entrevistados, assegurando que o foco da entrevista se articule com os objetivos da pesquisa e proporcionando, durante seu transcorrer, a exploração de assuntos de interesse levantados pelo entrevistado. Buscamos contemplar, no Roteiro (ver Roteiro de Entrevista no Apêndice B) aspectos relativos ao histórico da estruturação do serviço, sua organização e coordenação; como, cronologicamente, estes foram se organizando em quais contextos e quais foram os personagens responsáveis para a fundação dos mesmos, se houve a criação de alguma política

⁸ Esta parte da análise quantitativa da pesquisa foi realizada por pesquisadores da USP, com o tratamento dos dados de todos os estados participantes da pesquisa.

pública específica para a implementação do serviço e se há um plano de carreira para psicólogos na educação.

Buscamos compreender também como os serviços estavam organizados, a partir de questões abertas que remetessem à atuação, estrutura e condições de trabalho e, ainda, a fundamentação teórica. Investigamos informações sobre a coordenação dos serviços e a alocação destes na estrutura das secretarias de educação. Em relação ao trabalho, procuramos entender como estes se desenvolvem, quais práticas são realizadas, qual a sua periodicidade, o público alvo das intervenções, a metodologia utilizada, os instrumentos de trabalho, o espaço físico em que este acontece. De maneira mais ampla, buscamos conhecer a fundamentação teórica acerca das concepções de educação e psicologia dos profissionais entrevistados.

Em relação à estrutura e condições de trabalho, investigamos os obstáculos enfrentados para a efetivação do trabalho, apoios para o enfrentamento de situações de entrave e existência de espaço para discussão sobre a prática com os pares; a carga horária, seu cumprimento e organização. Também questionamos a participação em associações da área ou sindicatos e acesso a eventos de psicologia escolar (congressos, simpósios, palestras).

Outro aspecto abordado na entrevista refere-se às ações consideradas bem sucedidas e ações que não foram bem sucedidas ao longo dos anos de atuação. Por fim, inquiremos os entrevistados sobre possibilidades de mudança em relação a prática e sobre as contribuições da Psicologia para a Educação.

Quanto aos psicólogos ligados a política de Educação Inclusiva, procuramos entender qual a especificidade deste trabalho e como estes viam a relação entre o atendimento especializado e o ensino regular.

O caráter semi-estruturado da entrevista ofereceu oportunidade ao entrevistado de discorrer com certa liberdade sobre uma série de temas ligados aos objetivos da pesquisa, de modo a expressar o que pensava e sentia a respeito, bem como apresentar algum aspecto da problemática investigada, mas não contemplado na entrevista. As entrevistas foram gravadas em áudio, posteriormente transcritas e devolvidas aos entrevistados para que fizessem as alterações que julgassem pertinentes.

A análise orientou-se pelos seguintes eixos: Serviço, Atuação e Fundamentação teórica. O eixo Serviço abarcava a história do serviço e o panorama político de inserção do psicólogo na educação, a estrutura e as condições de trabalho. Já o eixo Atuação contemplava a descrição geral do serviço, seu alcance e limites e os itens referentes à educação inclusiva. E o último eixo, Fundamentação Teórica, referiu-se a questões relativas à formação do psicólogo e às concepções teóricas que sustentam seu trabalho.

A compreensão das entrevistas visa à exploração do material obtido de modo a organizá-lo, possibilitando que sejam feitas interpretações e inferências (Bardin, 2000). O processo de interpretação consiste na compreensão do significado das ações e daquilo que é dito, conforme aponta Rockwell (1987). Essa autora ressalta também algumas especificidades e dificuldades deste processo: “Interpretar requer compartilhar, dentro do possível, ‘o conhecimento local’; compreender o que é dito como o fazem os outros sujeitos da localidade implicaria, dentre outras coisas, compartilhar toda a sua experiência comum, o que é impossível.” (Rockwell, op. cit. 27)

E como afirma González Rey (1999), na perspectiva qualitativa o conhecimento científico não se legitima pelo número (quantidade) de participantes investigados, mas pela “qualidade de sua expressão”⁹ (p.40).

Neste artigo faremos um recorte da pesquisa, por meio do estudo detalhado da entrevista de uma das profissionais que compõe o estudo, selecionada a partir do grupo maior. Pretende-se, a partir de uma análise aprofundada, apresentar e compreender como vem se desenvolvendo a atuação de uma psicóloga escolar em uma cidade da zona da mata mineira.

Discussão

Como explicitamos anteriormente, a análise da entrevista orientou-se por três grandes eixos, a saber: Serviço, Atuação e Fundamentação Teórica. Em relação ao primeiro eixo, que se refere ao Serviço de Psicologia Escolar, buscamos por meio da entrevista com a psicóloga Maria¹⁰, entender a forma como, cronologicamente, foi se organizando o serviço de psicologia escolar do município, que contexto e quais personagens contribuíram para sua fundação, para assim entendermos, a partir destas informações iniciais, quais condições favoreceram o surgimento do serviço no município. Também buscamos conhecer a partir de que bases o serviço se estruturou e, diante do contexto existente, como a psicóloga tem construído sua prática profissional.

O serviço de Psicologia Educacional desta cidade da zona da mata mineira se iniciou com a transferência da psicóloga entrevistada da área da saúde para a secretaria da educação por questões políticas e estratégicas. A entrevistada é concursada pela secretária de saúde e atua na secretaria de educação por uma ementa de transferência. Foi responsável pela estruturação do serviço de psicologia escolar no município. Iniciou seu trabalho com total autonomia, pois naquela ocasião não havia uma demanda específica. A partir dessa realidade

⁹ Tradução livre das autoras.

¹⁰ Por questões éticas, o nome da psicóloga é fictício.

percebeu que teria maior afinidade se pudesse trabalhar na secretaria de educação e em 2005 começou a contar com a ajuda de uma pedagoga a fim de criar um modelo de atenção à queixa escolar¹¹. Entretanto, mesmo com a parceria com esta pedagoga, percebemos que o serviço girava em torno da psicóloga, como se este estivesse personificado em Maria.

Todo o seu trabalho é desenvolvido em uma carga horária de vinte horas semanais, sendo que a entrevistada não possui um espaço físico adequado para desenvolver suas atividades. Durante alguns anos de sua atuação teve que trabalhar nas próprias escolas, muitas vezes deslocando diretores e supervisoras de suas respectivas salas.

Outro fator citado pela entrevistada que afeta a estrutura do serviço e as condições de trabalho diz respeito às mudanças na gestão pública. Segundo Maria, a mudança de gestão é uma questão que sempre dificultou seu trabalho, pois a cada nova administração a equipe que compõe a secretaria de educação é decomposta, para ser composta novamente. Isso ocorre devido ao fato destes cargos serem comissionados e indicados pelos gestores.

A participante também reclama da falta de planejamento da prefeitura para a inserção do psicólogo na secretaria de educação, pois não existe no município um plano que oriente o trabalho deste profissional. Com a entrada de cada nova gestão, era preciso resgatar o trabalho feito anteriormente e garantir a continuidade da perspectiva que se estava seguindo. Como consequência, não havia a criação e implementação do cargo de psicólogo na secretaria de educação.

Ao longo dos anos de serviço a entrevistada teve uma atuação política com o intuito de propiciar a inserção do psicólogo na secretaria a fim de ampliar o quadro de funcionários e os serviços por estes prestados. O principal obstáculo colocado por Maria são as mudanças de governo na prefeitura da cidade, o que faz com que a cada gestão sejam colocadas pessoas diferentes na Secretaria de Educação; isso dificulta a efetivação de uma proposta e a implantação de um Serviço de Psicologia Escolar para o município.

Em relação ao segundo eixo, relacionado à atuação profissional, visamos conhecer como a psicóloga é solicitada a atuar e em que contexto, bem como alcances e limites de sua prática. Maria nos relatou que ao longo da história do serviço as atuações têm se modificado: inicialmente, suas atividades concentravam-se em suas ações e recebia demandas individuais, baseadas em queixas escolares, como problemas de conduta, problemas de aprendizagem, problemas de comportamento e ainda existia a expectativa de que seu trabalho fosse basear-se em atendimentos clínicos (voltados exclusivamente para a criança).

¹¹ Termo utilizado pela entrevistada.

Em princípio, Maria recebia uma demanda muito grande de crianças encaminhadas pelas escolas públicas, com solicitações de laudos, para que estas crianças fossem atendidas em escolas de educação especial. Neste primeiro momento, para estas avaliações a entrevistada chegou a utilizar testes psicológicos para avaliar as crianças que eram encaminhadas; contudo, aos poucos essa prática foi sendo abandonada, pois Maria passou a questionar esta demanda, envolvendo também a escola e os professores que faziam tais solicitações em relação aos alunos, problematizando as queixas. Assim, gradativamente estas pessoas, bem como a própria secretaria de educação, passaram a entender que sua atuação não se limitava ao atendimento focado no aluno.

Com a entrada de uma pedagoga no serviço, iniciou a composição de uma equipe de atuação na psicologia educacional¹². Juntas, começaram a pensar num modelo de atenção à queixa escolar e em uma metodologia de trabalho, passando então a buscar referências teóricas, metodologias e modelos de serviços nos quais pudessem se basear.

Nas palavras da entrevistada:

“As pessoas conseguiam entender melhor quando eu não recebia individualmente, quando eu fazia essa proposta de trabalhar de uma forma mais conjunta, de pensar a questão da aprendizagem de uma forma mais ampla, aí as pessoas já recebiam melhor”.

Em relação à prática desenvolvida na secretaria, Maria e a pedagoga atuavam junto às queixas escolares do município. Assim, a partir dos encaminhamentos, realizavam avaliações da criança e em seguida iam até a escola fazer uma devolutiva dos resultados com o professor e ou direção com o intuito de construir juntos uma possibilidade de intervenção, seja com a criança, seja com a metodologia da escola. Elas trabalhavam com essas crianças por meio de grupos semanais com duração de uma hora e meia. A cada final de semestre era feito um momento de avaliação desse processo e também uma festividade em que eram convidados, além das crianças, os pais e os professores, ocasião em que eram apresentados os resultados deste trabalho.

Além desses grupos, a psicóloga desenvolvia um trabalho com os professores que haviam encaminhado algum aluno para avaliação e atendimento. Entretanto, o foco deste trabalho permanecia na criança, não se constituindo numa reflexão sobre a prática profissional docente num sentido mais amplo, que abarcasse também a instituição escolar e os fatores

¹² Termo utilizado pela entrevistada.

sociais, culturais, históricos e políticos constituintes do processo educativo.

Outra ação destas profissionais era a realização de oficinas de aprendizagem, formadas por grupo de cinco a sete crianças divididas por faixa etária ou “*problemática*”¹³. Estas oficinas tinham como objetivo ser “*uma proposta que eles pudessem construir, tivessem a oportunidade de expressar as dificuldades, que eles pudessem fazer alguma construção com aquilo ali*”.

A entrevistada tentava articular com a escola uma forma desta se responsabilizar pela superação dos problemas de escolarização identificados por meio da queixa escolar. Além disso, trabalhava com as famílias, realizando grupos com pais de crianças que estavam sendo atendidas com o intuito de criar um espaço de oportunidade de encontrar outras famílias que vivem a mesma situação. Buscava envolver os familiares e a escola em ações de atenção à queixa escolar, mas o foco ainda permanecia sobre a criança, ou seja, Maria acreditava que a escola e a família poderiam contribuir para que a criança superasse a dificuldade, sem problematizar que esta dificuldade não estava na criança e sim no processo de ensino-aprendizagem.

Em relação à concepção de educação, a entrevistada compreende a responsabilidade da escola no processo de aprendizagem e de constituição da queixa, bem como a dimensão mais ampla do processo educacional. E utiliza termos como “*Psicologia Educacional*”, “*problemas de aprendizagem*” e “*problemas de comportamento*”, que sinalizam para certa desatualização em relação a estudos e publicações contemporâneas. Por outro lado, afirmações como “*eu sempre tentava fazer assim, uma espécie de combinado com a escola assim, de que então a gente vai pensar a nível (sic) da escola que tipo de intervenção que a gente poderia fazer que beneficiasse aquela criança na dificuldade que ela está apresentando. Mas aí eu passei a fazer uma certa recusa de receber casos individualmente?*” demonstram uma compreensão mais ampliada acerca dos encaminhamentos feitos pela escola.

Maria mostra um entendimento de que na situação de uma criança que não aprende, é necessário “*repartir o pedaço do pão para cada um*”, ou seja, responsabilizar todos os segmentos envolvidos na constituição da queixa. Sua recusa em atender individualmente as crianças também sinaliza nesta direção, numa busca de “*... pensar a questão da aprendizagem de uma forma mais ampla*”. Outra fala interessante neste sentido apresenta-se nos questionamentos feitos pela entrevistada: “*de que forma a aprendizagem era levada até essa criança? Que tipo de entendimento a própria escola tinha no trabalho dessa criança que se*

¹³ Todos os trechos em itálico referem-se à transcrição da entrevista com a psicóloga.

diferenciava um pouco?”. Aqui notamos, claramente, que ela interroga a instituição, considerando o processo de ensino e aprendizagem como uma via de mão dupla.

Na avaliação de crianças com queixa escolar, a psicóloga envolvia a escola e procurava manter esta parceria realizando uma entrevista devolutiva e planejando uma intervenção com aquela determinada criança ou com a escola. As possibilidades de intervenção eram pensadas de modo “... *que a escola pudesse contemplar a dificuldade específica daquela criança e isso aí ficava a cargo da escola*”. Nos contatos com a instituição, a entrevistada enfatiza que é o professor que irá receber as crianças todos os dias e é ele quem vai ensiná-las, destacando a importância da parceria a ser estabelecida com a escola.

No que se refere ao terceiro eixo de análise, fundamentação teórica, podemos perceber que Maria mostra uma contradição entre teoria e prática quando, por exemplo, ressalta a necessidade de um trabalho coletivo perante a queixa escolar, que envolva toda a escola e a família, além da criança, mas num discurso que vai e vem, acaba situando o problema na criança e seus atendimentos concentram-se em torno da aprendizagem do aluno. Ou seja, o foco, no trabalho com estes segmentos continua sendo a criança.

Mesmo a orientação aos professores, que poderia sinalizar um avanço em sua compreensão sobre a queixa (Souza, 2007), privilegiava a criança em atendimento, de modo que o docente ficasse mais atento aos aspectos subjetivos, tendo “*um olhar mais individualizado para a criança*”. Ao mesmo tempo, menciona que é importante que este tenha “*oportunidade de repensar a própria prática*”, mas não relatou qualquer atividade em seu cotidiano que apontasse neste sentido.

Esta aparente contradição foi um aspecto relevante na pesquisa, pois percebemos que alguns participantes apresentam, no mesmo discurso, elementos que apontam tanto para concepções tradicionais quanto para concepções baseadas em estudos e pesquisas mais recentes, que aos poucos estão sendo apropriadas pelos psicólogos e inseridas em suas práticas (Souza e Silva, 2009).

Considerações finais

Neste artigo procuramos apresentar um recorte da pesquisa interinstitucional “*A Atuação do Psicólogo na Rede Pública de Educação Frente à Demanda Escolar: Concepções, Práticas e Inovações*”. Escolhemos a entrevista de Maria, dentre as outras realizadas em Minas Gerais, porque a consideramos representativa da maioria dos psicólogos participantes deste estudo, tendo em vista o cenário de atuação em Psicologia Escolar neste estado.

A psicóloga iniciou sua atuação na rede pública na secretaria de saúde, sendo que a sua mudança para a educação deu-se devido a questões políticas. Destacamos este ponto porque consideramos que é imprescindível que os concursos públicos para a atuação do psicólogo sejam configurados a partir das especificidades de cada área de atuação, com editais que solicitem temáticas e referências bibliográficas atualizadas e pertinentes.

Percebemos que a implementação do serviço de Psicologia Escolar neste município de Minas Gerais foi se dando por meio de situações que apontam para uma concepção ainda calcada no modelo clínico-individualizante, tais como: diagnóstico, triagem e avaliação de alunos; atendimento individualizado às crianças; acompanhamento de alunos.

Hoje, com a criação do serviço a entrevistada já conseguiu conquistar o seu espaço, pautando seu trabalho em outras práticas mais emancipatórias e, através desta, mostrando que o acompanhamento aos alunos não deve mais ser feito individualmente, mas de modo a abarcar todos os envolvidos com o processo de ensino e aprendizagem, ou seja, professores, diretores e pais, mesmo que na maioria das vezes ocorram entraves em sua prática e questionamentos sobre a operacionalização desta atuação.

A própria história da implementação do serviço é marcada por mudanças e retrocessos, sendo que em muitos momentos a própria secretaria da educação, as políticas públicas e as escolas, que deveriam auxiliar na fomentação deste trabalho, acabam se tornando um empecilho que dificulta uma ação mais crítica do psicólogo. Ainda que em alguns momentos a secretaria ofereça condições e estrutura, concedendo “carta branca” a Maria, o que rege essa oferta são questões administrativas e financeiras.

Maria nos conta sobre os desafios enfrentados ao passar a atuar de uma nova forma e revela seus esforços e sua atuação política junto à secretaria de educação buscando apoio e respaldo para o seu trabalho a fim de criar o cargo de psicólogo da educação dentro do quadro do município. Acreditamos que a criação do cargo de psicólogo escolar, juntamente com a elaboração de editais específicos para a contratação deste profissional, possibilitaria um grande avanço na organização do serviço, de modo a se desenhar um serviço que não seja

personificado em um determinado profissional e que não precise reorganizar-se a cada mudança na gestão municipal.

Apesar de a entrevistada demonstrar uma criticidade em relação a sua prática e à psicologia escolar, em muitos momentos há contradições, no sentido de que a sua prática parece não refletir o seu discurso. Por isso, apesar de sua fala apresentar elementos de criticidade, podemos descrever uma profissional que ainda precisa caminhar em sua compreensão acerca das efetivas possibilidades de atuação do psicólogo escolar. Maria identifica as práticas que não se coadunam com uma perspectiva crítica, identifica com muita sensibilidade os entraves políticos em seu fazer, mas ainda sem uma sustentação teórica que a ajude a construir a defesa de tais práticas perante a secretaria municipal de educação.

Neste contexto é que acreditamos ser extremamente relevante o papel da universidade na formação inicial e continuada dos psicólogos escolares. Experiências acadêmicas como atividades práticas, estágios supervisionados, cursos de extensão e de pós-graduação *stricto* e *lato sensu* e, ainda, supervisões, são algumas das modalidades que permitem que estudos e pesquisas de excelência sejam apreendidas, apropriadas e divulgadas tanto para os psicólogos como para todos aqueles envolvidos direta e indiretamente com a educação.

Referências Bibliográficas

BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições, 2000.

EZPELETA, J.; ROCKWELL, J. Pesquisa Participante. São Paulo: Cortez, 1986.

GONZÁLEZ REY, F. La investigación cualitativa en psicología: rumbos y desafíos. São Paulo: EDUC, 1999.

MALUF, M.R.; Formação e atuação do Psicólogo na educação: dinâmica de transformação. In CFP Psicólogo Brasileiro: Práticas emergentes e desafios para a formação. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994. p. 157-200.

MEIRA, M.E.M; Psicologia Escolar: pensamento crítico e práticas profissionais. In Tanamachi, E. R.; Proença, M.; Rocha, M (orgs). Psicologia e Educação: Desafios teórico-práticos, São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

RIBEIRO, R. J. A universidade e a vida atual: Fellini não via filmes. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

ROCKWELL, E. Reflexiones sobre el proceso etnográfico. Cidade de México: DIE/CINVESTAV, 1987.

SOUZA, B. P. (org.) Orientação à queixa escolar. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

SOUZA, M. P. R; CHECCIA, A. K. A. Queixa escolar e atuação profissional: apontamentos para a formação de psicólogos. In Meira, M.E.M; Antunes, M. Psicologia Escolar: Teorias críticas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

SOUZA, M. P. R. ; SILVA, S. M. C. . A atuação do psicólogo na rede pública de educação frente à demanda escolar: concepções, práticas e inovações. In: Claisy Maria Marinho-Araujo. (Org.). Psicologia Escolar: novos cenários e contextos de pesquisa, formação e prática. Campinas: Alínea, 2009, v. , p. 75-105.

TANAMACHI, E.R; PROENÇA, M.; ROCHA, M. (Orgs.) Psicologia e Educação: Desafios teórico-práticos. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002. p. 73-104

TANAMACHI, E. R. Visão crítica de Educação e de Psicologia: Elementos para a construção de uma visão crítica de Psicologia Escolar. Marília, Tese (Doutorado), UNESP, 1997.

Apêndice A - Questionário

Cidade: _____ Estado: _____
 Nome (opcional): _____
 Sexo: _____ Idade: _____
 Cargo (contrato): _____ Função (o que exerce): _____
 Tempo no cargo: _____
 Ano de ingresso na Secretaria de Educação: _____
 Tempo de formação: _____ Instituição formadora: _____
 Cursos realizados (nome/instituição/duração/ano de conclusão):
 () Doutorado _____
 () Mestrado _____
 () Especialização _____
 () Aprimoramento / Aperfeiçoamento _____
 () Atualização _____
 () Outro. Especifique: _____

1. Nível (eis) de Ensino em que atua:
 () Ensino Infantil
 () Ensino Fundamental
 () Ensino Médio
 () Educação de Jovens e Adultos
 () Outro. Especifique: _____

2. Público alvo do trabalho:
 () Alunos
 () Professores
 () Pais de alunos
 () Funcionários
 () Outro. Especifique: _____

3. Identifique a(s) modalidade(s) de atuação, especificando os objetivos e estratégias de ação:
 () Avaliação psicológica _____

 () Atendimento clínico _____

 () Formação de professores _____

 () Assessoria às escolas _____

 () Outro. Especifique: _____

4. Projetos desenvolvidos ao longo de sua experiência profissional:

5. Dentre os projetos citados, quais os mais relevantes?

Por quê?

6. Cite autores que têm auxiliado na fundamentação teórica do seu trabalho:

7. Que contribuições o psicólogo pode dar à Educação?

8. Há alguma informação que você gostaria de acrescentar?

Data de preenchimento do questionário: _____

Apêndice B - Roteiro de Entrevista

Questões para a equipe ou direcionadas ao serviço:

- 1- Como se organiza o serviço?
 - Quem coordena?
 - Onde o serviço se encaixa na estrutura da secretaria?

- 2- Como se constituiu este serviço neste município?
 - Teve que ser criado algum dispositivo? (política pública)
 - Quem foi a pessoa responsável pela criação do serviço?
 - Os documentos são recebidos da Secretaria de Educação ou são criados projetos coletivamente?

Questões abertas:

- 3- Conte-me sobre o seu trabalho:
 - Como é?
 - Que práticas são realizadas?
 - Qual a periodicidade?
 - Quem é o alvo da intervenção, com que se trabalha?
 - Qual a metodologia utilizada?
 - Quais são os instrumentos de trabalho?
 - Que espaço físico utiliza?

- 4- Quais os obstáculos enfrentados para a realização desse trabalho?

- 5- Com que apoios pode(m) contar para lidar com essas situações?
 - Há espaço de discussão de práticas com seus pares?
 - Tem supervisão?

- 6- Poderia contar alguma ação que considera ter sido bem sucedida em seu trabalho?
Tem exemplos? E houve ações que não considera terem sido bem sucedidas?
Quais foram?
- 7- Você mudaria algo em sua prática? Por quê? Em que aspectos?
- 8- Como sua prática contribui para a Educação?
- 9- Quais são as condições de trabalho na secretaria de Educação?
- Carga horária
 - Questão da carreira
 - Tipo de contrato
 - Participa de associações ou sindicatos da área
 - Tem mais de um emprego
 - Tem acesso a eventos da área (congressos, simpósios, palestras)
 - Diferença da Secretaria de Saúde

Questões direcionadas aos psicólogos ligados à política de Educação Inclusiva

- 10- Qual a especificidade de seu trabalho?
- 11- Como vê a relação entre atendimento especializado e o ensino regular?